

# CONTRIBUIÇÕES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DURANTE O PERÍODO DE ADAPTAÇÃO EM CRECHE<sup>1</sup>

## CONTRIBUTIONS OF PEDAGOGICAL PRACTICES OVER THE PERIOD OF ADJUSTMENT IN DAY CARE CENTER

Emine Carla de Lima Baia\*  
Vivian Bonani de Souza Girotti\*\*

### RESUMO

O desenvolvimento da autonomia infantil e as práticas pedagógicas estão certamente interligados. Assim o estudo presente enfatiza a importância da qualidade do trabalho educacional desenvolvido na Educação Infantil, especificando as atitudes da pedagoga. Por isso a pesquisa discute sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas durante o processo de adaptação na creche, para desenvolver a autonomia infantil. A qualidade em que são empregadas as práticas pedagógicas podem favorecer tanto para uma melhor adaptação entre aluno e professora quanto para o desenvolvimento da autonomia da criança. A problemática do estudo foi a constatação se essas práticas ocorrem devidamente, e se a professora tem consciência do favorecimento das suas práticas, durante o processo de adaptação. Para isso foram realizadas observações das práticas pedagógicas e entrevista com uma professora da creche. A partir da coleta de dados foi possível considerar que esse tema deve ser tratado como um avanço educacional, ao considerar o desenvolvimento infantil desde o início da inserção da criança no espaço escolar, e a possibilidade de ampliar o reconhecimento da importância do trabalho da pedagogia, ao enfatizar os benefícios de suas práticas para o desenvolvimento infantil.

**Palavras-chave:** Processo de Adaptação. Práticas Pedagógicas. Autonomia Infantil.

### ABSTRACT

The development of children's autonomy and the pedagogical practices are surely associated. Then, the present study emphasizes the importance of quality of educational work developed in the Children's Education, especially what refers to pedagogue's behavior. Therefore, this research argues about the pedagogical practices developed over the process of adaptation at the daycare center that aims to develop the children's autonomy. The quality of pedagogical practices can contribute as to better adaptation between student and teacher as to the development of children's autonomy. The research examined if this practices occurred properly, and if the teacher was conscious about the work done by herself. For this, they were made observations of the pedagogical practices

---

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado da Iniciação Científica realizada pela primeira autora, sob a orientação da segunda autora, sendo fomentado pela Faculdade de Tecnologia Ciências e Educação – FATECE.

\* Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Tecnologia Ciências e Educação – FATECE. [carlinha.17@hotmail.com](mailto:carlinha.17@hotmail.com)

\*\* Doutoranda em Psicologia pela UFSCar. Mestre em Psicologia pela UNESP. Docente da Faculdade de Tecnologia Ciências e Educação – FATECE. [viviangirotti@gmail.com](mailto:viviangirotti@gmail.com)

and an interview with a teacher. The data collection could us understand that this issue must be seen like an education advance, because it regards the children's development since the beginning the children's insertion in the scholar environment, and the possibility of expanding the recognition of the importance of the pedagogy's work, emphasizing the benefits of its practices to the children's development.

**Keywords:** Process of Adaptation. Children's Autonomy. Pedagogical Practices.

## **Introdução**

A educação infantil brasileira busca superar a concepção da marca histórica que as creches carregam, como sendo educacional assistencialista, com isso foram criados referenciais curriculares e houve a implantação da área pedagógica nos anos iniciais escolares. Essa nova legislação tanto apontada na Constituição Federal de 1988 quanto na Lei de Diretrizes e Bases Educacionais de 1996, compreende a educação infantil como parte da educação básica (FARIA; PALHARES, 1999).

Essas leis que regulamentam a Educação Infantil no Brasil determinam que todas as crianças entre 0 e 5 anos têm direito ao acesso à Educação e, portanto, devem ser ofertadas vagas nas instituições escolares, como creches ou instituições equivalentes e pré-escolas, as quais devem atender crianças de 0 a 3 anos e crianças de 4 a 5 anos (BRASIL, 1996, 2010).

Com a regulamentação da Educação Infantil, as creches passaram a fazer parte de um percurso educativo das crianças, exigindo a presença de regras, normas de conduta, atividades programadas, com objetivos específicos para o desenvolvimento cognitivo, físico, e da autonomia da criança; e com isso a presença da pedagogia tem sido ampliada, possibilitando cada vez mais seu desenvolvimento enquanto área de trabalho (OLIVEIRA, 2011).

Porém, para muitas crianças, a entrada, permanência e participação na Educação Infantil é um processo que envolve questões relacionadas a um processo de adaptação, pois essas novas regras, o convívio com outras crianças, bem como afastamento do lar podem dificultar ou facilitar esse processo. Para embasar essa questão o Ministério da Educação criou em 2009 um documento intitulado "Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças", onde destaca vários direitos e dentre eles o direito a atenção especial durante o período de adaptação na creche, reconhecendo esse período como um processo importante tanto para as crianças, como para os pais e professores (CAMPOS, 2009).

Para Rapoport e Piccinini (2001), a presença dos pais junto com seus filhos no conhecimento desse novo ambiente é indispensável. E por parte dos profissionais a observação quanto as diferentes reações durante esse período, que não necessariamente será o choro, e sim a apatia, agressividade, relutância a comidas, brincadeiras e afetividade com outros. Ao relatar tais comportamentos adversos cabe aos estudos da pedagogia buscar outras maneiras de lidar com essa criança para que evite tanto sofrimento, e que seja desenvolvido um sentimento de autoconfiança nela, para que esta seja capaz de expressar seus sentimentos. Para que isso ocorra, as práticas docentes devem prepara-la com vistas para a conquista de sua autonomia.

Esse novo contato da criança com outras pessoas, costumes e características, irá estabelecer novas relações sociais seja com outros adultos ou crianças, e que será relevante para a formação da identidade dela, pois passará a ter contato com outros valores fora do seu âmbito familiar. Considerando, ainda, que as crianças estão em uma fase de desenvolvimento, caracterizada por Eric Erikson (1976), citado por Carpigiani (2010), como Autonomia x Desconfiança e Dúvida, onde explorar o desconhecido e reconhecer suas habilidades estão em foco, e que podem provocar também as primeiras sensações de fracasso, por isso ela passará a aprender a lidar tanto com o sucesso quanto com o fracasso, ao conseguir lidar com estes dois aspectos a criança desenvolverá uma força de vontade saudável (PAPALIA; FELDEMAN, 2013).

O resultado deste processo de desenvolvimento psicossocial terá sempre duas resoluções, uma positiva e outra negativa. Atingir um certo grau de independência pode-se dizer que será a primeira resolução onde afetará seus comportamentos positivamente, influenciando na facilidade com que se adaptarão ao novo ambiente que é a creche, por outro lado a segunda resolução resultará em reações negativas o que provavelmente dificultará esse mesmo processo (RABELLO; PASSOS, 2008).

Eric Erikson (1976), citado por Carpigiani (2010), ainda vai considerar que para a construção da personalidade, existe uma relação de três dimensões, sendo a biológica, a social e a individual. Os fatores sociais são como influencias claras para a formação do sujeito, portanto este processo ocorre de diferentes maneiras de acordo com a família, sociedade e cultura. E os fatores individuais vão considerar que a aprendizagem é adquirida dentro de cada cultura, mas a pessoa garante sua identidade no processo de organização e arranjo destas informações (CARPIAGIANI, 2010).

Torna-se importante compreender como ocorre o processo de adaptação, suas possibilidades de resolução positiva, considerando Erikson, e, com isso, qual a

importância da prática do professor e como elas atuam nesse processo para a resolução positiva. Sugere-se que a intervenção por meio de atividades pedagógicas pode ser um fator que proporcione um resultado positivo. Pode ser importante desenvolver estudos que busquem realizar tais compreensões sobre a atuação do pedagogo nesse processo e sua contribuição para o desenvolvimento da autonomia, e esta foi a proposta do presente trabalho.

Portanto, este artigo apresenta um estudo que teve como objetivo investigar se as práticas pedagógicas propostas pelo Ministério da Educação sobre o período de adaptação são aplicadas no contexto da creche, e se há compreensão por parte do educador sobre esse período e sua relação com sua prática pedagógica no sentido de auxiliar o desenvolvimento da criança, considerando a compreensão de Eric Erikson.

Com isso, buscou-se primeiramente investigar na literatura o contexto histórico da educação infantil na literatura, enfatizando a creche e suas mudanças que contribuem para os avanços da concepção desta enquanto área de ensino. Ainda nesse mesmo embasamento teórico, investigou-se a compreensão de diferentes autores sobre o período de adaptação. A concepção de Erikson sobre o desenvolvimento infantil também foi considerada, pois sugere que a fase que a criança desenvolve a autonomia, que é um dos objetivos da creche para que o desenvolvimento infantil seja pleno.

Além da consulta a literatura, foi realizada uma investigação sobre a concepção de uma professora, sobre o período de adaptação, destacando quais são as práticas abordadas por ela para esse momento, considerando se há alguma com grau maior de importância, e qual a relação dessas práticas com o desenvolvimento da autonomia em conflito com a vergonha e dúvida. Em seguida, fez-se uma análise e discussão sobre as implicações das concepções citadas pela entrevistada, relacionando com as recomendações teóricas sobre esse período, e observando se tais aspectos apresentados tanto pela profissional como pelo que é recomendado teoricamente são realizados na prática.

Assim, este artigo apresenta os resultados do levantamento bibliográfico, enfatizando as concepções do período de adaptação, e as práticas pedagógicas, que influenciam para o desenvolvimento da autonomia; em seguida têm-se os resultados da coleta de dados, a discussão bem como a análise; e por fim são apresentadas as considerações finais.

## **1 A adaptação em Creche**

O contexto educacional brasileiro apresentou diversas transformações ao longo dos anos conforme o desenvolvimento da sociedade, e a implantação da Educação Infantil como parte da Educação Básica é um exemplo do avanço do sistema educacional. A partir dessa mudança, a Educação Infantil tornou-se um direito de toda criança, a qual será complementar a ação familiar, estabelecendo assim uma relação entre a família e a instituição, a fim de que favoreçam o desenvolvimento da criança quanto um ser autônomo e livre.

Deve-se destacar o contexto histórico da evolução da Educação Infantil e da sociedade, onde a mulher passou a exercer papel social, portanto surgia a necessidade de lugares para atender as crianças já que as mães haviam conquistado maior liberdade dentro da área trabalhista (COUTINHO, 2010). Segundo Vasconcelos (2000), citada por Coutinho (2010), a industrialização trouxe como consequência o aumento da educação pré-escolar e de sua importância, pois a urbanização e a procura de trabalho fora do lar pelas mulheres, que só se ocupavam com a casa e os filhos, aumentava de agora em diante no setor industrial.

Assim, as creches eram consideradas até então como instituições assistencialistas e não como de caráter educacional, sem nenhuma preocupação, tanto por parte dos familiares como da instituição, sobre o que a criança faria durante o período que permanecesse por lá (FARIA; PALHARES, 1999).

Essa preocupação com a rotina das crianças dentro do ambiente educacional iniciou com os diferentes setores da sociedade, destacando organizações não governamentais, pesquisadores da infância, comunidades acadêmicas e a população civil, entre outros que se uniram para sensibilizar a sociedade sobre o direito das crianças em receber educação com qualidade desde o nascimento.

A partir desses movimentos voltados para melhorar a qualidade no atendimento das creches, foram implementadas leis que buscaram assegurar o acesso à Educação Infantil. Conforme previsto na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente Lei 8.069/90, e também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

Logo com o fato da implantação de novas leis sobre o ensino infantil, que foram citadas acima, esse novo modelo de ensino implantou referenciais curriculares para ser desenvolvido nesses ambientes, ampliando a atuação da pedagogia. O volume dois deste

referencial trata especificamente sobre a formação pessoal e social do professor, eixo de trabalho que favorece, prioritariamente, os processos de construção da identidade e autonomia da criança, que será fortemente influenciado por esse novo ambiente de socialização, pois a instituição infantil possibilita o contato com diferentes valores (MEC, 2009).

Além do Referencial Curricular foi implantado também um documento que trata dos direitos infantis, intitulado: “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças 2009”, ao qual se divide em dois capítulos sendo o primeiro para abordar os direitos primordiais da criança dentro das creches, e o segundo apresenta os critérios para política e programas da creche com vista ao respeito por elas (CAMPOS; ROSENBERG, 2009).

Todas essas regulamentações específicas, a criação de leis e documentos sobre a Educação Infantil, tem como um dos objetivos principais do ensino desenvolver a autonomia da criança, por isso as práticas pedagógicas devem ser voltadas para que os alunos reconheçam suas capacidades e características, a fim de que se apropriem de sua identidade (MEC, 1998).

A instituição deve disponibilizar para as crianças um ambiente em que elas possam experimentar e utilizar os recursos para suas necessidades, deixando com que elas expressem suas vontades. É um direito dela poder agir de forma autônoma, assim como brincar e relacionar-se com as pessoas que se sentir à vontade (MEC, 1998).

Para garantir a autonomia do sujeito dentro desse espaço de socialização é preciso que essas práticas ocorram, portanto, o trabalho aqui presente será voltado para observar se através da prática do educador ele está realmente propiciando um desenvolvimento da autonomia.

Ao analisar os documentos aqui citados, pode-se entender que os educadores devem considerar as práticas pedagógicas durante o período de adaptação também, ressaltando a importância deste processo, ao qual será melhor descrito no capítulo seguinte assim como a questão da autonomia.

Alguns estudiosos como Faria e Palhares (1999), que buscaram aprofundar seus estudos com bases nesses parâmetros curriculares, e afirmam que é um documento extremamente teórico, pouco claro e objetivo. Ressaltam ainda que a infância prevista por eles está longe da realidade, a qual está atrelada dentre outros aspectos, ao quadro de educadores desqualificados que não tem capacidade de desenvolver tantos requisitos previstos para a primeira etapa da educação.

### 1.1 O processo da adaptação em creche

Começar a frequentar a creche leva a criança ao processo de adaptação, em um ambiente até então desconhecido, com pessoas diferentes do contexto social em que vivia. Logo ela entrará em contato com diferentes costumes e regras que estava acostumada, essas mudanças geram uma situação delicada, tanto para a criança, como para os pais e professores.

Compreende-se que são crianças muito pequenas e que essas mudanças são enormes para elas, o contato com o ambiente e pessoas novas irá causar diversas reações, boas ou ruins. É um momento considerado por muitos autores como importante, e que deve ser dada a devida atenção, por parte dos educadores exige certo preparo, conhecimento e experiência, para tornar esse período mais fácil para todas as partes envolvidas. É necessário que a escola tenha esse processo especificado em sua proposta pedagógica a fim de garantir um sistema educacional de qualidade (VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993).

Há um aspecto relevante a ser considerado ainda sobre esse momento que é a delimitação de período de adaptação, pois essa concepção varia entre os autores, alguns dizendo que ele começa nos primeiros contatos com os familiares, outros desde o momento de ingresso da criança até o final do primeiro mês, ou ainda um período que envolve entre três e seis meses após o ingresso. É válido destacar que na maioria das vezes para alguns autores são os critérios da educadora que serão aplicados, para outros corresponderá ao preenchimento de protocolos de adaptação que avaliam alguns comportamentos da criança (RAPOPORT; PICCININI, 2001).

Durante a matrícula da criança, é possível iniciar um processo de adaptação, justamente mostrando quais são as formas de atendimentos que as educadoras utilizarão para os primeiros momentos da criança na creche, ao qual estará prescrito em seu planejamento pedagógico, demonstrar a concepção sobre educação e os objetivos da creche, assim como a rotina realizada durante o tempo de permanência na instituição que também é um aspecto importante.

Enfim, ao tornar os responsáveis familiarizados com a creche através de informações claras e objetivas e deixando-os à vontade para tirar qualquer dúvida em relação ao ambiente que estará colocando seu filho, são características que poderão influenciar positivamente nesse processo. Pois acredita-se que os pais que ficam tranquilos e seguros em colocar a criança naquele ambiente escolar, fará com que a

criança também se sinta segura nesses primeiros dias (VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993).

Conforme Oliveira (2011), esse período para as crianças que ainda não estão apropriadas da noção de tempo, ainda é visto como um rompimento dos laços afetivos, pois acreditam que são abandonadas pelos seus familiares dentro de um ambiente desconhecido, o que leva a insegurança e que pode ser muito prejudicial para seu desenvolvimento pessoal, portanto, desenvolver a questão afetiva é essencial tanto por parte dos responsáveis, como por parte dos educadores envolvidos, para que ela tenha seu desenvolvimento infantil seguro.

Porém, há uma carência de sensibilidade das educadoras que lidam com o processo de adaptação, que é um fator determinante para interferir negativamente nesse processo, destacamos a importância do aspecto afetivo neste momento para a criança, porém as birras e o choro que ocorrem nesse tempo, levam a falta de paciência desse profissional e pune muitas vezes eles, sem prestar a atenção que estão apenas querendo um gesto afetivo que cubra a ausência da mãe. Esses atos punitivos podem privar a criança do relacionamento de maneira espontânea com as outras crianças (OLIVEIRA, 2011).

## 1.2 Práticas Pedagógicas no contexto da creche

O sistema de ensino deve prezar um atendimento de qualidade, pois é um aspecto importante e significativo em diversos momentos da vida da criança, um desses momentos é a entrada na Creche. Consideramos que as práticas pedagógicas sejam um fator qualitativo para esse primeiro contato da criança com a instituição escolar. E, se realizado essas práticas com a consciência de sua importância, esse período se tornará fácil, para todas as partes envolvidas (COUTINHO, 2010).

As práticas pedagógicas durante esse momento delicado da adaptação são representadas nas leis educacionais, que foram criadas para suprir essa necessidade da falta de preparo dos educadores em lidar com tais aspectos.

Portanto o Ministério da Educação (2009) elaborou em sua cartilha dos Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais da criança, já citado neste trabalho, um capítulo específico que determina uma atenção especial durante o período da adaptação, onde descreve vários sub tópicos sobre os direitos das crianças, como por exemplo a presença de um familiar durante esse período.



Esse mesmo documento é usado como base para as ações desenvolvidas nesse período, que traz em seus sub tópicos as seguintes determinações, nunca deixar a criança insegura, assustada, sem atenção ou carinho, cuidados especiais com a saúde e alimentação, dentre outros aspectos, porém sabemos que existem vários fatores que levam ao descumprimento desses quesitos básicos, por isso se tornou o objeto de estudo desta pesquisa.

Cabe ainda as educadoras captar as necessidades que as crianças demonstram nesse momento de chegada a creche pela primeira vez, principalmente quando estas ainda não consigam falar, e a prática que deverá ser desenvolvida nesse período é através da observação das reações tanto boas quanto as ruins, desenvolvendo assim uma habilidade de interpretar as vontades e desejos (MEC, 2006).

Deve-se levar em consideração a faixa etária com que trabalha, a fim de que desenvolva atividades pertinentes, e organize um espaço e materiais adequados para o ambiente, visando a facilidade de adaptação da criança, estimulando-a a descobrir esse novo ambiente, pois assim ela passará a gostar desse convívio novo. As práticas pedagógicas farão com que a criança passe por esse processo de forma eficaz (MEC, 2006).

É válido destacar sobre as práticas pedagógicas, a importância de se ter um objetivo e saber qual a finalidade das ações educacionais. Para o processo de adaptação a princípio é de que a criança se adapte da melhor forma possível, porém as práticas desenvolvidas, levam a mais de um objetivo.

Um dos objetivos educacionais é o desenvolvimento da identidade e autonomia, principalmente durante os primeiros anos de vida pois é um aspecto essencial, porque é onde a criança começa a se formar e apresentar suas características individuais, e assim como toda ação pedagógica, as práticas do processo de adaptação não seriam diferentes, também se voltam para a formação do eu, e para que ele se torne independente.

### 1.3 A autonomia da criança

A capacidade de realizar escolhas durante atividades é uma prática para o sujeito se tornar autônomo e adquirir sua identidade a partir do que julga bom ou ruim, sobre o que gosta ou não gosta, essa ação deve ocorrer desde a infância. É no dia a dia que o indivíduo irá ampliar sua independência, portanto será no âmbito escolar que a criança

deve expor suas ideias, questionar e se sentir segura para realizar atividades sozinha (MEC, 1998).

A autonomia será descrita neste trabalho através das concepções de Eric Erikson (1976), citado por Carpigiani (2010), autor da teoria psicossocial, que considera 8 fases do desenvolvimento que ocorrem durante a vida, e que em cada uma delas o indivíduo passa por uma crise e a sua resolução desperta um componente de sua personalidade. Esses estágios são determinados pela faixa etária do sujeito, e por volta dos 2 a 3 anos a criança encontra-se na fase em que ela irá desenvolver autonomia, sendo a resolução positiva, ou vergonha e dúvida como resolução negativa para a crise (VERÍSSIMO, 2002).

A segunda idade ou fase é caracterizada pelo autor Eric Erikson (1976), citado por Carpigiani (2010), pelos comportamentos exploratórios, onde a criança busca experimentar situações novas, como por exemplo andar e falar. Essas ações podem gerar acertos e erros. Cabe ao professor demonstrar segurança para que ela se sinta protegida e compreendida em relação aos seus desejos e suas capacidades, que podem levar a sentimentos positivos ou negativos (CARPIGIANI, 2010).

É significativo destacar a resolução positiva pela autonomia, pois é quando irá fortalecer a formação pessoal da criança, em um momento que ela estará conhecendo suas capacidades e habilidades, portanto quando ela se sente capaz de realizar determinada tarefa em um certo ambiente, ela está desenvolvendo sua autoconfiança (VERÍSSIMO, 2002).

Esse exercício de reconhecer as próprias características, se fortalece no convívio social, onde a criança entra em contato com diferentes culturas. A creche se torna nesse processo um importante fator, pois possibilita a interação entre essas diversidades culturais. Essas relações cotidianas que vivencia, tem por resultado a construção de sua identidade pessoal e coletiva (MEC, 2010).

## **2 A pesquisa de campo e seus resultados**

A pesquisa de campo, que é denominada pelo espaço específico onde a coleta de dados foi realizada, utiliza técnicas de observação, e neste caso por causa da quantidade de dias que foi proposto a coleta e pelo objetivo da pesquisa a observação foi um instrumento fundamental. É importante que o próprio pesquisador participe diretamente

da experiência, como foi o caso deste trabalho, pois nesse procedimento é colhido muitas informações de fatores naturais e sociais.

O trabalho teve como participante uma educadora pedagoga (P), com 50 anos de idade, e formada há 25 anos, que leciona na Educação Infantil. Atualmente ela realiza atividades em uma turma de maternal (2 a 3 anos) com um número de 12 alunos, dos quais apenas 6 fazem parte do período de adaptação, ou seja, é a primeira vez em que eles frequentam uma instituição escolar. Portanto, o critério de seleção foi escolher a professora da turma de alunos, vinculado a faixa etária que a criança está em um processo de desenvolvimento da autonomia, considerando-a como resolução positiva para a criança, e necessariamente que essa idade esteja passando pelo processo de adaptação dentro da creche.

A coleta de dados foi realizada em uma instituição do Município do interior de São Paulo. A seleção da instituição, bem como dos participantes, ocorreu seguindo o critério de facilidade de acesso e contato com a diretora da instituição, por parte do pesquisador, sendo disponibilizada a possibilidade da coleta de dados. Por medidas éticas, os nomes das instituições foram preservados durante todo o relato da pesquisa, e assim foi escolhido o nome: Emeb. Infantil 1 para a instituição e P para a educadora.

Foram utilizados para a coleta de dados os seguintes instrumentos e materiais<sup>2</sup>: Termo de Consentimento Esclarecido; Protocolo de observação; Roteiro de Entrevista semiestruturada e um gravador de voz de computador e celular.

A etapa de observação consistiu em coletar dados sobre as práticas da pedagoga somente com as crianças que não haviam frequentado nenhum tipo de instituição de ensino, já que as que participaram de atividades escolares nos anos anteriores não estavam em período de adaptação.

As práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de adaptação pela educadora foram registradas pela observadora em uma folha registro, seguindo o protocolo de observação citado já nesta pesquisa. O tempo de duração de cada observação dependeu da disponibilidade da observadora e dos observados.

Feita a coleta de dados foi elaborada uma tabela geral sobre os aspectos mais apresentados pela participante e alunos referente aos dias de observação para melhor explicitação de dados e sua análise.

---

<sup>2</sup> O detalhamento dos instrumentos e materiais utilizados na pesquisa podem ser encontrados no trabalho completo em forma de Trabalho de Conclusão de Curso disponível na biblioteca da FATECE.

A observação foi realizada do dia 26 de janeiro a 27 de fevereiro e ocorreu na mesma instituição de ensino em que foi recolhido os outros dados da pesquisa. Conforme previsto no protocolo de observação, os momentos observados foram: Entrada, onde estavam presentes a participante, as crianças e seus responsáveis; Recreação no Parque e Almoço, que consistia na presença da participante, das crianças e da monitora.

É válido ressaltar que a observação era da prática pedagógica com as crianças que estavam dentro do período de adaptação. Foi considerado o tempo de um mês, entretanto, nesse período houve um feriado e, além disso, a professora se ausentou por dois dias. A coleta de informação foi anotada diariamente pela pesquisadora.

Para melhor apresentar os dados obtidos, uma tabela foi elaborada para descrever de forma resumida as ações dos alunos e da professora, algumas delas se repetiam com frequência, como o choro das crianças em todos os momentos observados, e o comportamento dos pequenos em relação aos seus objetos, aos quais eram segurados o tempo todo por algumas crianças, ou as atividades diferentes que a participante proporcionava em diferentes dias, os brinquedos que ela utilizava para prender a atenção, a conversa e interação dela com os alunos. Foram divididas ainda pelo momento em que ocorriam, no caso nos três observados.

Tabela 1. Resultado geral dos dias da observação

<b>MOMENTOS</b>	<b>ENTRADA</b>	<b>RECREAÇÃO PARQUE</b>	<b>ALMOÇO</b>
<b>Ações do Professor (a)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pegar no colo</li> <li>- Brinquedos no chão</li> <li>- Música</li> <li>- Troca de informações c/ responsáveis.</li> <li>- Interação c/ crianças</li> <li>- Brinquedo novo, destaque (cobra), (cão), (fantoche Aranha)</li> <li>- Brinquedos diferentes na mesa e 1 cantinho no chão</li> <li>- Cantar</li> <li>- Brinquedos individuais das crianças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação dos brinquedos</li> <li>- Interação aluno/professora</li> <li>- Brincadeira c/ bolas</li> <li>- Brincadeira na Areia</li> <li>- Observação</li> <li>- Brinquedos Diferentes</li> <li>- Festa de carnaval</li> <li>- Socialização c/ outras salas</li> <li>- Dança</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Intervenção</li> <li>- Conversa</li> <li>- Sentada e almoçando junto</li> <li>- Auxílio</li> <li>- Ausência</li> <li>- Observação</li> </ul>
<b>Ações do Aluno</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Choro</li> <li>- Objetos da Criança</li> <li>- Entram sozinhos</li> <li>- Gritos</li> <li>- Autonomia da criança = guardar bolsa e escolher brinquedos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Objetos da Criança</li> <li>- Choro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Objetos da Criança</li> <li>- Choro</li> </ul>

A entrevista foi realizada considerando um roteiro semiestruturado contendo seis questões, que buscaram abordar: 1) concepção da professora sobre as práticas do período de adaptação; 2) práticas empregadas por ela com seus alunos para favorecer a adaptação; 3) concepção da professora sobre autonomia; 4) a concepção da professora sobre vergonha e dúvida; 5) grau de importância, que ela atribuía às atividades voltadas para a adaptação das crianças em creche; e 6) diante de uma dificuldade na adaptação a que método ela recorria.

Com duração de aproximadamente 15 minutos, a entrevista foi gravada e posteriormente transcrita em forma de paráfrase para melhor análise de conteúdo. A entrevista foi realizada no dia 9 de março de 2015 e ocorreu na mesma instituição de ensino em que foi coletado os dados, na sala de aula da participante.

Estavam presentes a participante e a pesquisadora, que fez perguntas conforme o roteiro. P mostrava-se disposta a responder as questões quando assinou o termo de consentimento, e respondeu as questões atendendo à solicitação.

Com os dados da entrevista foi elaborada a tabela a seguir, que corresponde a categorização dos resultados, considerando categorização como um conceito que exprime as diversas relações que possam estabelecer as ideias, logo em uma única questão é possível identificar vários aspectos.

Nessas categorias foram destacados os principais termos utilizados pela P em suas respostas, e que se relacionavam com a análise teórica abordada nesta pesquisa. Foi desenvolvido 17 (dezessete) categorias a partir das 6 (seis) perguntas realizadas, as quais facilitam a análise e discussão dos dados obtidos. É válido destacar ainda que, em cada questão foi possível criar duas ou mais categorias, as quais enriquecem as reflexões.

Tabela 2. Categorias das respostas da entrevista

Questões	Categorias	Exemplos de relatos
<b>Q1</b> (Sobre a concepção de período de adaptação)	Conhecer a Criança	“Primeiramente deve ser feito um conhecimento do público”.
	Características da Criança	“Ver o nível que as crianças estão, e suas necessidades”
<b>Q2</b> (Práticas da professora)	Afetividade para uma boa adaptação	“Trabalha o lado emocional”. “Sempre com carinho e delicadeza”. “Ficar bem próximo”.

	Consequência da falta de afetividade	“Se a criança não se sentir segura com você, e não “gostar” de você, vai ser difícil a adaptação”.
	Consequência positiva da afetividade	“O emocional conta muito para eles se sentirem seguro com você”.
	Processo de Adaptação	“Por que no começo eles não conhecem a professora nem o ambiente, e tudo é novo para eles”. “A mãe entrega eles para uma pessoa totalmente desconhecida”.
	Práticas fundamentais neste processo.	“Nunca falar alto, falar sempre suave”. “Cativar as crianças”. “Quando ela chora ficar na altura dela para conversar, sempre no mesmo nível”. “Sentar no chão com eles dá resultado”
<b>Q3</b> (Concepção da sobre autonomia)	Concepção de Autonomia	“A autonomia a criança demonstra em várias atividades, e em momentos do dia”. “Faz as coisas sozinhas”.
	Práticas que demonstram autonomia	“Ir ao banheiro sem pedir, quando dá vontade já vai”. “Quando chega e guarda a bolsa no lugar”. “Ela já sabe o lugar isso demonstra que ela já tem autonomia”.
<b>Q4</b> (Concepção sobre vergonha e dúvida)	Concepção de Vergonha e Dúvida	“Quando a criança é dependente, tudo o que quer pede o apoio de alguém”. “Não consegue fazer as coisas sozinho, sempre fica na dependência de alguém e precisa de apoio”. Isso acontece também por que as mães dão tudo na mão e não deixam as crianças fazer e descobrir sozinhas, “A criança precisa ou quer que alguém faça”.
	Práticas que demonstram vergonha e dúvida	“Pede ajuda para beber água ou pegar um brinquedo”. “A criança quer sempre o adulto por perto”.
	Motivo da vergonha e dúvida	“As mães dão tudo na mão e não deixam as crianças fazer e descobrir sozinhas”.
<b>Q5</b> (Grau de importância)	Importância da Adaptação	“Adaptação é tudo”. “O que eles interiorizarem nesse comecinho vai para o resto do ano”.
	Práticas para uma boa adaptação	“Se for bem trabalhada no começo do ano ela vai bem”.
<b>Q6</b> (Ações diante de dificuldades)	Afetividade para uma boa adaptação	“Carinho e aproximação é um dos seus métodos utilizados”.
	Práticas que auxiliam a adaptação	“Oferece materiais, brinquedos e atrativos”. “Colocando no colo, conversando, perguntando o que ele gostaria de fazer, por que ele chora tanto, por que não está se sentindo bem”.
	Considerar a criança	“Apesar de serem pequenos eles conseguem entender”. “As vezes ela não está madura o suficiente para enfrentar aquela situação”.

### **3 Análise reflexiva relacionando a literatura e os dados da pesquisa de campo**

As referências das literaturas citadas no capítulo 1 mostram que as educadoras devem captar as necessidades das crianças nesse primeiro momento que é a chegada a escola, onde necessariamente ocorre a adaptação ao ambiente até então desconhecido por elas (MEC, 2006).

Logo a primeira questão elaborada na tabela de categorização pôde contribuir para o desenvolvimento de duas categorias, a de conhecer a criança e das suas características. Sobre a primeira, a participante afirma que é preciso antes de tudo fazer um conhecimento do público. E no momento da observação foi possível perceber que a mesma realizou tal aspecto ao trocar informações com os responsáveis dos alunos e interagir com as crianças, buscando informações. Considera-se que a partir da observação das práticas e da resposta da participante na entrevista que a mesma considera o aspecto de que reconhecer a criança torna o processo de adaptação mais fácil.

Os referencias curriculares do Ministério da Educação (2006) ainda destacam que deve ser levado em consideração a faixa etária com que trabalha, a fim de que desenvolva atividades pertinentes. Aquelas que foram desenvolvidas pela participante correspondem ao que é proposto pelos referenciais, pois a todo momento elas satisfaziam as necessidades dos pequenos como por exemplo uma música ora para relaxar, ora para brincar. Ela havia dito que é preciso ver o nível em que as crianças estão. Para que não exija muitos resultados delas, sem que antes elas já possuam o domínio de determinada tarefa, como alimentar-se sozinho.

As categorias que foram possíveis criar diante da segunda questão foram cinco, as quais se relacionam pelo tema afetividade, que é bastante citada tanto pelos teóricos quanto pela participante entrevistada. Os primeiros afirmam que a questão afetiva é fundamental para um desenvolvimento seguro, pois no período de adaptação as crianças pensam que são abandonadas pelos seus familiares em um ambiente totalmente desconhecido, e isso pode gerar a insegurança, mas ao praticar os laços afetivos essas mesmas crianças se sentiram seguras neste novo local com essas novas pessoas (OLIVEIRA, 2011).

Ao criar a categoria da afetividade para uma boa adaptação os exemplos citados pela participante se relacionam com essa questão da importância da prática afetiva nesse período. Ela utiliza o termo “trabalhar o lado emocional”, em seguida explica que trata eles com carinho e delicadeza. Ainda diz que a falta da afetividade leva a inseguranças

por parte dos menores, logo esse momento inicial se torna difícil. Portanto ao dizer que o lado emocional conta muito para eles se sentirem seguros com todas essas novidades, a afetividade torna-se uma consequência positiva.

Ao analisar as observações feitas foi notável que a participante utilizou dessas práticas afetivas que ela fala durante a entrevista, pois não se exaltava dentro da sala de aula, pegava as crianças no colo, sentava com eles no chão, auxiliava-os durante as refeições, conversava a todo momento, buscava prender a atenção deles com materiais que gostavam.

Para facilitar ainda mais a adaptação, alguns dos autores afirmam que esse processo deve começar no momento da matrícula da criança, disponibilizando informações sobre a creche, como as formas de atendimento das educadoras, com o objetivo de familiarizar os responsáveis, pois acreditam que se eles sentirem segurança para colocar a criança nesse novo ambiente escolar, acabaram transmitindo isso para os pequenos. O processo de adaptação, portanto, tem por objetivo criar o sentimento de segurança nas crianças, neste ambiente desconhecido até então, para que os mesmos não desenvolvam a insegurança que pode ser prejudicial para o seu desenvolvimento pessoal (VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993).

Em relação ao processo de adaptação a participante citou que tudo é novidade para eles, incluindo a própria professora que é totalmente desconhecida. Logo é previsto que ela considera o período como delicado e importante. Por isso há práticas pedagógicas fundamentais para serem realizadas, como em seus exemplos, a professora nunca deve falar alto, falar sempre suavemente, cativar as crianças, quando ela chorar ficar na altura dela para conversar, sempre no mesmo nível, sentar no chão com eles dá resultado também. Práticas as quais ela falou e foi observada.

Outro aspecto que deve ser considerado durante esse processo, além do desenvolvimento da segurança, é o da autonomia. Os documentos educacionais definem autonomia como a capacidade de realizar escolhas, adquirindo sua identidade através do que gosta ou não gosta, do que julga bom ou ruim, etc. Levando em conta ainda este fator como uma resolução positiva para a fase que a criança se encontra, nomeada em sua teoria psicossocial como Autonomia x Vergonha e Dúvida. E é neste processo da adaptação que se inicia o desenvolvimento da autoconfiança, contribuindo para o fortalecimento da formação pessoal do indivíduo (MEC, 1998).

As duas categorias criadas para este tema foram a concepção da autonomia, em que a participante relata que as crianças demonstram em várias atividades, e momentos



do dia, em que elas realizam sozinhas. E as práticas que demonstram autonomia, ela exemplifica quando diz que, ao ir ao banheiro sem pedir, ou quando chegam e guardam a bolsa no lugar, pois ela já sabe. Foi observado esses exemplos relatados, mas é válido lembrar que nos primeiros dias, ela indicava onde guardar as bolsas, onde era o banheiro, enfatizando que poderiam usar quando quisessem. Essas orientações feitas por ela são indicadas em referenciais curriculares como um dos objetivos educacionais, que é proporcionar o desenvolvimento da identidade.

Um dos objetivos educacionais é o desenvolvimento da identidade e autonomia, principalmente durante os primeiros anos de vida pois é um aspecto essencial, porque é onde a criança começa a se formar e apresentar suas características individuais, e assim como toda ação pedagógica, as práticas do processo de adaptação não seriam diferentes, também se voltam para a formação do aluno, e para que ele se torne independente

Porém, é nesta fase também que, se a criança não desenvolver o aspecto positivo, desenvolverá o negativo, que é chamada por Eric Erikson (1976), citado por Carpigiani (2010), de Vergonha e Dúvida, sobre este aspecto a tabela apresenta três categorias relacionadas, a concepção, as práticas, e o motivo da vergonha e dúvidas. No primeiro a participante caracteriza como quando a criança é dependente, e precisa sempre do apoio de um adulto. Sobre o segundo são atividades como pedir ajuda para escolher um brinquedo, pois não o faz sozinha (VERÍSSIMO, 2002).

É nesse momento da vida, segundo Carpigiani (2010), que eles demonstram comportamentos exploratórios, onde buscam experimentar situações novas, e essas ações podem gerar acertos e erros, e cabe ao professor compreender as suas capacidades, a fim de que não gere vergonha. No entanto, sobre a terceira categoria a participante relata que esse sentimento de dúvidas, ocorre por que muitas vezes as mães não deixam as crianças agirem por conta própria, logo não descobrem nada sozinhas.

Pôde ser identificado durante os momentos observados, a liberdade que a participante proporciona, para que os alunos possam buscar essa independência, principalmente pelo método da indagação. Sempre perguntava qual objeto pertencia a qual criança, disponibilizava espaço para eles falarem do que gostavam ou não durante a atividade.

Quando perguntada sobre a importância da adaptação, a professora diz que o que eles interiorizam no começo levam para o resto do ano, logo a adaptação é tudo. Os autores voltados para educação, afirmam que é um momento importante, e que necessita de devida atenção, e por parte dos profissionais certo preparo, tornando assim uma

experiência fácil para todas as partes envolvidas. Segundo Coutinho (2010), a prática pedagógica é um fator qualitativo para esse primeiro contato da criança com a instituição, e que se realizada com consciência de sua importância o processo educativo se torna prazeroso. A participante considera que um bom trabalho com os alunos será bom para eles.

Quando questionada na última pergunta ao método em que ela recorre, quando se deparava com um caso de grande dificuldade nesse processo de adaptação, ela cita novamente a afetividade, e o carinho e a aproximação fazem parte de sua metodologia, sobre essa categoria da pergunta é encontrado nas literaturas, que as crianças que passam por esse processo choram, e que este é um indício de que ela precisa de um gesto afetivo que cubra a ausência dos familiares, mas o que ocorre é a falta de paciência dos educadores (OLIVEIRA, 2011).

Durante os últimos dias da observação foi perceptível a ausência da participante quando a criança chorava com frequência. Em algum momento sua atitude foi de pedir que alguém retirasse a criança da sala de aula.

As práticas que auxiliam foi outra categoria elaborada, onde os referenciais curriculares sugerem os cuidados especiais, com saúde e alimentação, a organização do espaço, materiais adequados para o ambiente, visando a facilidade de adaptação da criança, estimulando-a a descobrir esse novo ambiente, pois assim ela passará a gostar desse convívio novo. Algumas das práticas citadas pela participante foram observadas, como por exemplo: oferecer materiais e brinquedos atrativos.

Por fim, mas não menos importante, a categorização sobre considerar a criança é posta em análise, pois as teorias, segundo Vitória e Rossetti-Ferreira, (1993), compreendem que são crianças muito pequenas e que essas mudanças são enormes para elas, o contato com o ambiente e pessoas novas causa diversas reações, boas ou ruins. E a participante fala que apesar de serem pequenos são capazes de entender, mas as vezes elas não estão maduras o suficiente para enfrentar aquela situação. Atribuiu essa fala há um caso específico do seu aluno que acabou desistindo da vaga, pois não se adaptou conforme as concepções dela.

### **Considerações Finais**

A concepção sobre o período de adaptação é considerada um momento muito importante pelo Ministério da Educação e teorias do ensino, pois envolve um público que

está descobrindo novas situações relacionais. É um processo que não tem um tempo determinado para ocorrer e que varia diante das políticas institucionais. O desenvolvimento da autonomia infantil, portanto deve ser possibilitado desde o contato inicial com a escola, o sentimento de segurança é fundamental resultando em uma maior facilidade de adaptação para todas as partes envolvidas.

Entende-se que se trabalhada as práticas pedagógicas com qualidade, durante esse processo, os resultados obtidos provavelmente serão positivos, tanto para a educadora que conseguiu adaptar seu aluno a um novo contexto, quanto para a criança que além de não sofrer com essa situação, começou a desenvolver a sua identidade.

Nesse sentido, considera-se que a presente pesquisa resultou na importância das práticas pedagógicas para o processo de adaptação, revelando seu fator positivo para o desenvolvimento da autonomia infantil. Considerando-se, portanto, que para o período de adaptação a área da pedagogia é imprescindível, e que a partir desses dados foi possível pesquisar as práticas que foram fundamentais e ainda buscar outras práticas para realizar a fim de que o objetivo seja atingido completamente.

## **Referências**

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Decreta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=9769&Itemid](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=9769&Itemid)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)> Acesso em: 27 out. 2014.

BRASIL. **Secretária de Educação Básica**. Brasília, DF: MEC, 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=293&Itemid=810](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=293&Itemid=810)>. Acesso em: 27 out. 2014.

BRASIL. **Parâmetros nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006. V.1.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: introdução. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil, formação pessoal e social.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa.** Brasília, DF, 1988.

Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf\\_legislacao/superior/legisla\\_superior\\_const.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_const.pdf)>. Acesso: 27 out. 2014.

CARPIGIANI, B. ERIKSON, E. H. **Teoria do Desenvolvimento Psicossocial.** São Paulo: Capsi Serviços em Psicologia Saúde e Gestão. Newsletter, 2010. V. 7.

FARIA, A. L. G; PALHARES, M. S. (Org.). **Educação infantil Pós-LDB: rumo e desafios.** Campinas: Autores Associados, FE–UNICAMP; São Carlos: Editora da UFSCar; Florianópolis: Editora da UFSC, 1999,

MAIA, A. C. B; ORTI, N. P; SOUZA, V. B. **Concepções sobre escola e gênero na perspectiva de crianças abrigadas.** Disponível em:

<<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6539>>. Acesso em: 13 maio 2015.

OLIVEIRA, M. H. **Afetivo e Social no período de adaptação de crianças em creche.** Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/artigos/109.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

OLIVEIRA, P. R. G. **O período de adaptação no processo educativo: um levantamento bibliográfico e metodológico.** Campinas: Unicamp, 2011.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

PASCHOAL, J. D; MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Histedbr**, Campinas, n. 33, p.78-95. Disponível em:

<[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05\\_33.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05_33.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2014.

RABELLO, E. T.; PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento.** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-teoria-do-desenvolvimento-psicossocial-de-erik-erikson/8668/>>. Acesso em: 30 maio 2014.

RAPOPORT, A. PICCININI, C. A. **O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos.** Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

VITÓRIA, T; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Processos de adaptação na creche.** São Paulo, Centro Brasileiro de Investigação Sobre o Desenvolvimento e Educação Infantil-CINDEDI, 1993.